

Governo de Moçambique negoceia cessar-fogo

Expresso
22.9.84

MEMBROS do governo de Maputo e representantes da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) têm estado a negociar directamente um cessar-fogo em Moçambique — disse ao EXPRESSO na África do Sul um membro do movimento rebelde, que afirma ter participado pessoalmente nas conversações.

Segundo o mesmo informador, os contactos decorreriam desde há mais de dois meses, em Londres e em Pretória, tendo a Renamo apresentado aos dirigentes da Frelimo uma lista de condições para depor as armas. Os elementos responsáveis pelas negociações seriam Fernando Honwana e Jacinto Veloso, pela parte de Maputo, e Evo Fernandes, do lado dos rebeldes.

Altos funcionários do governo moçambicano continuam, porém, a desmentir que tenha havido algum contacto recente entre Maputo e a Renamo — declaração que foi há escassos dias reiterada ao correspondente do EXPRESSO em Maputo, Alves Gomes. Tal hipótese é dada também por pouco crível em meios diplomáticos ocidentais acreditados na capital moçambicana, nomeadamente das embaixadas britânica e norte-

-americana. «É claro que Samora Machel não aceitaria negociar com pessoas que considera bandidos e uma extensão da agressão sul-africana ao seu país» — disse um diplomata ao EXPRESSO.

No entanto, e segundo foi adiantado a Alves Gomes, o governo liderado pela Frelimo estaria na disposição de enviar representantes seus para contactos com elementos da Renamo que renunciassem às suas actividades actuais e aceitassem «ser integrados na economia do país», de acordo com um plano de amnistia já anunciado.

Neste contexto — disse, por outro lado, uma fonte local contactada telefonicamente — teria mesmo havido um ou outro encontro particular em que, da parte de Maputo, se mostraria uma disposição de receber os rebeldes que depusessem as armas, vindo a ser enquadrados na sociedade moçambicana. No entanto, o próprio Jacinto Veloso (actual ministro da Informação) tem vindo a desmentir a existência de qualquer contacto a nível de dirigentes entre a Frelimo e a Renamo. «Seria impensável a Itália negociar com as Brigadas Vermelhas», disse o ministro recentemente a jornalistas,

«o mesmo acontecendo com Moçambique e os bandidos armados.»

Refira-se que nas conversações mais recentes havidas entre Maputo e Pretória, após a assinatura, há alguns meses, do acordo bilateral de não-agressão em N'Komati,

o governo moçambicano tem defendido o argumento de que caberia à África do Sul paralisar as acções da «Resistência», por considerar que fariam parte integrante da «estratégia de desestabilização» do regime do «apartheid»

(Continua na pág. 20)

Diplomacia ocidental favorável a amnistia em Moçambique

(Continuação da pág. 1)

contra a ex-colónia portuguesa sua vizinha.

De acordo com a fonte do movimento rebelde, ter-se-ia realizado um encontro inicial em Londres entre Honwana e Evo Fernandes, mas os contactos subsequentes passariam a ser dirigidos, da parte de Maputo, por Jacinto Veloso, considerado neste momento como o homem mais próximo de Samora Machel no aparelho da Frelimo. A aproximação entre as duas partes teria sido estimulada pelo ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha, mas as negociações decorreriam agora independentemente do governo de Pretória.

Ainda segundo o mesmo informador, entre as condições postas pela Renamo para depor as armas situar-se-ia o reconhecimento público, por parte de Maputo, da «Resistência» como uma força política legítima de Moçambique. A proposta rebelde preconiza também a suspensão, na data de cessar-fogo, de todos os acordos de defesa celebrados por Moçambique e a retirada dos conselheiros militares existentes no país ao abrigo desses acordos.

A Renamo pretende ainda a divisão do território moçambicano

em áreas de influência separadas por corredores a serem ocupados por uma força multinacional de fiscalização. Segundo a fonte rebelde, não teria sido encontrado até agora consenso sobre a composição dessa força que, para a Renamo, não poderia integrar nenhum dos aliados tradicionais de Moçambique no bloco de Leste e na Linha da Frente, nem Portugal, por «não ter, nesta fase, um comportamento imparcial em relação à 'Resistência'». Os guerrilheiros preconizam a contribuição, nessa unidade, de militares britânicos, italianos e marroquinos (para além de outros exércitos ocidentais e, eventualmente, de Portugal, se «reconhecer 'de facto' e 'de jure' o movimento como uma força legítima em Moçambique, com a consequente liberdade de actuação política em território português»).

A Renamo alega que Jacinto Veloso teria apresentado uma contraproposta global segundo a qual o acordo seria possível desde que houvesse a garantia de que Samora Machel continuasse como presidente da República e o seu estatuto como máximo dirigente moçambicano não fosse questionado. Os rebeldes não teriam para já resposta a tal pedido, mas exigiriam uma remodelação total do

governo moçambicano, apesar de não apresentarem ainda qualquer reivindicação a nível de pastas ministeriais.

A amnistia de Maputo

Se os meios ocidentais duvidam da existência de qualquer processo de negociação directa entre a Frelimo e a Renamo, mostram-se, no entanto, satisfeitos com a amnistia que Maputo pretende oferecer aos rebeldes que entregarem as armas. Essa opinião parece ter sido transmitida a Machel pelos embaixadores ocidentais que, amiúde, o têm contactado nos últimos tempos na capital moçambicana (o representante britânico, sobretudo, tem visto o líder da Frelimo com grande assiduidade).

Os termos da amnistia foram também transmitidos a «Pik» Botha e a Van Der Westhuizen (o general sul-africano que nos últimos quatro anos dirigiu as operações militares contra Moçambique), quando ambos se encontraram com Machel em Julho passado, em Maputo.

Posteriormente, em Pretória, duas delegações moçambicanas chefiadas sucessivamente por Jacinto Veloso e Sérgio Vieira transmitiram aos sul-africanos provas sobre alegadas violações dos acordos de N'Komati por estes cometidas. No



Jacinto Veloso desmente contactos com a Renamo

final das conversações, Evo Fernandes, na altura em Pretória, encontrou-se com «Pik» Botha, mas Jacinto Veloso desmentiu mais uma vez que isso significasse a existência de negociações indirectas com a Renamo, defendendo que os rebeldes eram parte do aparato militar sul-africano. Note-se que o projecto de amnistia não contempla os dirigentes da Renamo, nem pessoas como Evo Fernandes, excluídas por possuírem a cidadania portuguesa.

O grupo britânico Lonrho, do empresário Tiny Rowlands, parece estar particularmente empenhado em promover negociações entre as duas partes. Por um lado, tem vastos interesses no Zimbabwe, e o oleoduto entre este país e a Beira tem sido um alvo preferencial dos guerrilheiros; por outro, pode ainda vir a recuperar a Sena Sugar, uma açucareira moçambicana interencionada pelo Estado cuja refinaria do Luabo foi recentemente destruída por um ataque da Renamo.